

## ESCRITA DE SI COMO RECURSO DIDÁTICO: MEMÓRIA E AUTOBIOGRAFIA

Francisca de Oliveira Souza<sup>1</sup>  
Orientadora: Rosiane Moreira da Silva Swiderski<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho, narro minhas memórias experienciais do estágio de residência pedagógica<sup>3</sup>, vivenciado com aprendizes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola pública, situada na região sudoeste do Paraná, a partir do conteúdo: gênero autobiografia, escrita de si e memória. A regência foi realizada no período noturno, durante aproximadamente oito horas-aulas, distribuídas em quatro encontros. A metodologia deste relato de experiência escrito na forma de narrativa está embasada num estudo descritivo e interpretativo, portanto de caráter qualitativo (Bortoni-Ricardo, 2008), e, fundamenta-se teoricamente numa concepção de língua(gem) de vertente sociointeracionista e dialética (Volóchinov, 2017).

Para o Círculo de Bakhtin a palavra não é apenas um signo linguístico, mas também instrumento de poder, é ideológica. Para tanto, uma vez enunciada passa a pertencer ao mundo, registra-se na historicidade dos dizeres, e a produção de sentido plasma o tempo, requer pensar e situar as funções e papéis sociais, bem como as condições históricas, sociais e políticas daqueles que com ela interagem. Segundo Bakhtin (2016), há enunciados orais e escritos, e o estudo destes requer um olhar para as especificidades, para as condições de produção, ou seja, em que contexto imediado e histórico o enunciado se situa? Para quem foi produzido? Qual o papel social daquele que enunciou?

Para não perder o tom da escrita de si, portanto, da narrativa, inspiro-me em Macedo e Dimenstein (2009), “experenciando desvios”, e busco neste relato de experiência uma construção estética que me permita expressar de modo acadêmico e também singular e cinestésico esse percurso formativo. É nessa concepção de linguagem sociointeracionista e dialética que na seção seguinte apresento o planejamento da intervenção didática. Posteriormente, relato a vivência da sala de aula, o momento do encontro com a minha escrita e a escrita do outro, das mulheres com quem pude aprender a docência.

### 1 NA SOLIDÃO DA NOITE

Recordo-me das palavras da professora preceptora, descrevendo com seu olhar singular aqueles aprendizes, na sua grande maioria mulheres. Disse a professora: “Elas esforçam para estarem aqui. Esse é mais do que um ambiente escolar. É um lugar de ofertarmos momentos de alegria, de risos por chegarem

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de de Letras - Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. cissesouza45@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Orientadora do Programa Residência Pedagógica e Bolsista da Capes. Prof.(ª) do Curso de Letras - Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul. rosiane.swiderski@uffs.edu.br

<sup>3</sup> O Programa Residência Pedagógica é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

cansadas, exaustas, depois de um longo dia de trabalho.” Essa fala entrou em mim, comecei um diálogo interno e indaguei. Quais motivações levariam aquelas mulheres, depois de uma carga de trabalho dobrada, estar ali, na sala de aula? A classe era composta por um pequeno grupo, que assumiam os afazeres em suas casas durante o dia e trabalhavam fora, para à noite frequentarem a escola. Mulheres com histórias semelhantes e experiências únicas. De certo modo, me vi naquelas mulheres, naquelas histórias, no fato de ter de abdicar de sonhos, em certos momentos da vida, principalmente, o sonho de estudar (depois, volto a contar). A professora me dera a tarefa de trabalhar com o gênero biografia e autobiografia na disciplina de língua portuguesa. Eu havia assumido a responsabilidade de entrar e integrar aquele lugar sagrado, do momento de alegria e de risos.

Estimular essas mulheres a escrever sobre si, não me parecia uma tarefa fácil. Primeiro, porque uma autobiografia enquanto memória e uma escrita de si, uma escrita autoral, envolve entrar em contato não só com os momentos de alegria, mas também com as dores, as vivências não agradáveis da vida. Será que estariam dispostas a exporem na escrita as suas dores? Escrever já não seria difícil? Penso que escrever é como reviver as dores, mas também escrever pode ser um ato medicinal, a cura. Apesar de observar que quase ninguém quer expor as suas dores, quem dirá registrá-la na escrita. Se minha abordagem fosse focada no gênero biografia, a tarefa parecia se tornar menos complicada. Contudo, meu objetivo era extrair dessas mulheres suas vivências e promover a experiência da escrita.

Então comecei o processo escrevendo sobre a minha vida, produzindo a minha autobiografia (Quadro 1), presumindo assim ganhar a confiança delas. Isso, traz à minha memória uma fala de Annie Ernaux (2022, p.5) “Se não escrevo as coisas, elas não encontram seu termo, são apenas vividas”. A partir daí pensei estar promovendo as condições para nos reconhecermos umas nas outras, criando assim um estreitamento de experiências que seriam colocadas na escrita através de nossas autobiografias.

#### Quadro 1 – Autobiografia

##### **O SOL SURGE PELA MANHÃ**

E ali estava eu com nove meses, era o ano de 1963, minha Mãe D. Florzinha, me deu um caldo de feijão e no meio dele tinha um pedacinho de jabá, conhecido também como carne seca. Pois bem, meu intestino não conseguiu digerir, com a barriga inchada e meus olhos com aquela película branca, foi a primeira experiência de quase morte, foi então que apareceu uma mulher ninguém até hoje não sabe o nome, acredito que foi meu anjo da guarda, me deu um comprimido chamado “pílula da vida” e depois colocou suas mãos sobre mim fez uma oração e foi então que comecei a soltar muitos puns e sobrevivi. Esse é um relato sobre mim contado por minha avó e minha mãe que muito me emociona.

Me chamo Francisca, conhecida por Cisse. Sou Manauara, nasci no Amazonas, na cidade de Manaus. Hoje moro em Realeza, tenho sessenta anos, sou mãe de Eline e Thais, e avó de quatro netos: Artur, 14 anos, Alice, 15 - filhos de Eline -, e Maria Bellatrix, de 5 anos e Ravi, de 12 anos - filhos de Thais. Fui casada duas vezes. O que mais gosto de fazer é viajar.

Casei com 18 anos, na igreja e no papel, acreditando naquele amor “até que a morte nos separe”, é mais não rolou... após dezoito anos de casamento, ele me deixou com a Thais, filha de cinco anos, e Eline, adolescente. Foram dias de muito

sofrimento. Nesse momento pensei estar passando pela maior prova da minha vida. Trabalhei muito, fui vendedora, industriária, cabeleireira, manicure, diarista. O objetivo era sobreviver. Minhas meninas nunca passaram um dia de fome, nosso lema até hoje é uma por “todas e todas por uma”. Eline e Thais são professoras e sua formação também é minha vitória.

Aos 38 anos fui diagnosticada com um câncer no seio esquerdo. Estava no meu segundo relacionamento. Fui mastectomizada e, nesse período, o fim do meu primeiro casamento que eu pensava ter sido a maior dor da minha vida se tornou insignificante, a morte estava mais uma vez próxima de mim.

Vaidosa quis fazer uma reconstrução depois de um ano da mastectomia e desse procedimento tenho consequências até os dias atuais. Fiquei com uma infecção crônica no abdômen e tenho que aprender a conviver com essa sequela. Faço curativos três vezes ao dia.

Em 2016, resolvi fazer o Enem. Passei na UFFS, para nutrição. Não me adaptei com o curso e transferi para letras. Renasci! Estudar... colocar meus poemas no papel, aprender espanhol, fazer teatro é maravilhoso.

Acredito que a vida segue, nesse e em outro plano e mostrar para outras mulheres que é possível sobreviver a relacionamentos tóxicos é realizável; estar numa faculdade na senilidade é troca de aprendizado. Já dizia Raul Seixas: “Eu prefiro ser uma metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”. Sei que já vivi mais tempo do que tenho para viver, mas quando chegar o dia do meu desencarne, quero estar em movimento, é a maneira de ser grata por essa encarnação.

Fonte: texto autoral

## 2 NO CLAREAR DO DIA

No, primeiro dia de regência, apresentei-me por meio da minha escrita. Após compartilharmos leituras de minha autobiografia surgiram automaticamente perguntas. Materializava-se em som, em palavras, o diálogo, a alteridade bakhtiniana. Questionaram: se tive medo de ficar sozinha após a separação; como é a experiência de estar na faculdade aos sessenta anos. E fizeram ponderações: “não parece que você sofreu”.

Parafraseando uma frase da música “*You’ve got to learn*”, composição de Charles Aznavour, na voz de Nina Simone (s.d.), respondi que sim, tive medo, mas decidi sair quando percebi que respeito não estava sendo servido. Frequentemente, muitas mulheres se contentam com migalhas, quando nós mesmas somos capazes de nos servir um banquete de amor-próprio. E disse a elas: “voltar a estudar não é diferente de vocês, com coragem em breve vocês ocuparão o espaço da academia. Posso dizer que os desafios desse espaço é apavorante e fantástico.”

Em seguida fiz o convite para que escrevessem suas autobiografias. Uma aprendiz perguntou se seria necessário ler em voz alta. Respondi que se desejassem compartilhar, sim, do contrário, não seria necessário. Assim estabelecemos a cadeia discursiva de Bakhtin, na qual “Eu retomo para o outro falar”.

Por algum momento, houve silêncio. Com as cabeças baixas e rostos concentrados, começaram a escrever. Coloquei-me à disposição para auxiliar se tivessem dúvidas. Nenhuma delas solicitou. Quando todas terminaram, recolhi as escritas, dizendo que ia fazer as correções caso fosse preciso e que em nosso próximo encontro íamos encerrar com uma socialização.

Enquanto revisava as autobiografias, meu foco não estava nos desvios ortográficos, mas nas histórias marcantes de cada uma. Autorizada por elas, trago fragmentos (os nomes a seguir são fictícios):

Ana - “Precisei ajudar minha família na agricultura para ajudar no sustento da família, fiz até a 4ª série e só voltei a estudar depois de adulta.”

Bia - “Sofri muito na minha vida, meu pai, meus irmãos tudo são alcoólicos, quando meu pai bebia batia em mim, nos meus irmãos e na minha mãe, casei cedo para me livrar daquela vida, mas não fez muita grande, mas diferença. Ai me separei também porque meu marido bebia muito.”

Carol - “Tinha um trabalho numa cidade grande, mas tive que largar para cuidar da minha mãe que sofreu um acidente e está numa cadeira de roda.”

Dolores - “Casei muito cedo, tive filhos cedo, tive que cuidar de casa, do meu marido e filhos. Não tinha como estudar.”

Erica - “Perdi um filho, foi a pior dor da minha vida, não superarei nunca.”

Nessas autobiografias também estavam seus sonhos.

Ana - “Quero terminar o ensino médio para fazer um curso de segurança e ganha mais.”

Bia - “Meu sonho é fazer o técnico de enfermagem.”

Carol - “Pretendo fazer o ENEM e cursar a faculdade de nutrição.”

Dolores - “Vou terminar o ensino médio e buscar um trabalho melhor.”

Minha pergunta do início deste trabalho estava sendo respondida, aquelas mulheres durante suas noites traziam com elas cansaço do dia para dentro da sala de aula, mas também carregavam em si seus sonhos, sabiam que suas infâncias foram interrompidas para serem adultas antes do tempo, mas conscientes que somente com foco nos estudos poderiam melhorar suas vidas, realizar seus sonhos.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho, meu objetivo foi narrar minhas memórias experienciais do estágio de residência pedagógica, vivenciado com aprendizes da EJA, em uma escola pública, situada na região sudoeste do Paraná, a partir trabalho didático com o conteúdo: gênero autobiografia, escrita de si e memória. Como apresenta Libâneo (2013, p. 58), “a tarefa principal da didática é estudar essas características e os métodos de ensino correspondentes, de acordo com a ordem natural das coisas”. Nesse sentido, a didática é o instrumento que conecta o aprendizado ao ensino. Assim, posso concluir que as aprendizes realizaram o percurso da aprendizagem ao usarem suas experiências e conhecimentos para produzirem expressões de si, exorcizando seus demônios, curando suas feridas.

Esse trabalho é o resultado de minha experiência em sala de aula, como professora em formação, sob a supervisão e orientação de Rosiane Moreira Silva Swiderswi, na regência em língua portuguesa. Uma experiência com a qual me identifiquei, pois como as aprendizes também tive que adiar meus sonhos e estudos para priorizar a sobrevivência de criar minhas filhas, voltando a estudar depois delas formadas. Agradeço muitíssimo minha professora e orientadora, pela oportunidade dessa escrita. Escrever para mim é cura de alma.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os Gêneros do Discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola: 2008.

ERNAUX, A. **O jovem**. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MACEDO, J. P.; DIMENSTEIN, M. Escrita Acadêmica e Escrita de Si: experienciando desvios. **Mental**, v. 7, n. 12, p. 153-166, 2009. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/420/42020837008.pdf>. Acesso em 06 de nov., 2023.

SIMONE, N. **You' Got To Learn** (legendado). 7 de março de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l-bFPWPn0Vw>

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.